



Sobre infância e repreensão

Tony Gabriel

Tenho quase trinta anos. Sou de uma cidade chamada Mossoró, no Rio Grande do Norte, e venho aqui falar da infância.

Não é fácil expor isso. Entre espaços de convivência, entre uma moradia e outra, há coisas difíceis de verbalizar. Brigas, conviver com pai alcoólatra, experiência de fome, de estar numa casa cheia de cinco crianças e quatro adultos. É difícil, para mim, voltar ao passado e reviver tudo o que me doeu e que ainda dói.

Tive uma infância confusa para uma menina na pele de um garoto, ou não seria o contrário? Lembro-me de quando meus pais não podiam nem ficar comigo nem com minha irmã, e me deixavam com minha vó. Morei com ela por três anos, pois a casa de meus pais era só um cômodo e não dava pra morar tanta gente. Só ia pra casa deles nos fins de semana. Por eu e minha avó termos uma relação sem tanto contato, tive mais liberdade para jogar futebol, para brincar com outros meninos da rua; brincava de bila (bola de gude), de pião, entre outras brincadeiras aqui do nordeste.

Minha infância se desgastava em maus tratos de quando eu ia para a casa dos meus pais aos fins de semana. Era tudo regrado: hora de dormir, menina não podia brincar com meninos, tinha que andar direito, não podia comer de boca aberta, tinha que sentar correto... Coisas que entendo hoje como machismo. Era terrível. Eu apanhava todo dia na escola, era chamado de boneca do cão (associado a coisa feia), falavam que eu era negra de cabelo ruim, que eu jamais ia mudar. Sofri *bullying* durante a infância como esqueleto, “droguinha”, “menina-macho”, “bicho-macho”. Minha mãe ia quase todos os dias à escola por conta das violências que eu sofria: chegava com braço roxo, cabelo arrancado, roupa rasgada. Eu não sabia me defender. Na época, era melhor ficar quieto do que revidar e apanhar mais. Embora meus pais tentassem resolver esses problemas, de nada adiantava. Troquei de escola, passei um ano sem estudar por conta de depressão.

Algo que também me remete à infância é minha experiência como PAIdrasto. Fui padrasto de uma menina pré-adolescente, que me respeitou do início até hoje e por quem tenho muito apego. Eu a amo como filha, a abraço como filha e, com ela, aprendi a lidar com momentos de sensibilidade, com momentos de afetividade, com momentos

de satisfação. Até mesmo nos momentos mais difíceis, aqueles momentos em que a gente pega no pé, mesmo estes momentos foram muito maravilhosos; momentos presentes durante quase cinco anos da minha vida.

Devo falar também sobre meu eu como tio e

amigo. Esta experiência tem sido maravilhosa. Meus sobrinhos são as únicas pessoas da minha família que respeitam meu nome, meu gênero, minha existência; são as pessoas com quem posso contar para brincar, para me alegrar; a quem posso dizer que amo e receber um “eu te amo”, que me dão carinho diariamente. Eu os amo demais. É lindo ser tio e amigo.

Meu sobrinho mais velho me tem como uma figura masculina importante, uma experiência de pai muito grande. Comigo, ele me conta coisas sobre as quais não consegue conversar com o pai, a mãe, os tios e irmãos. É interessante pensar que, embora ele tenha vários tios cis, não os chama de “tio”, somente pelo nome. A mim, ele chama de “titio”. Isso me faz existir mais ainda, me faz renovar forças todos os dias.

Meus sobrinhos mais velhos verbalizam muito as coisas comigo. Já cheguei a perguntar se eles realmente me veem como sou. O mais novo me diz, às vezes, “titio, você fica mais bonito quando corta o cabelo” ou “fica melhor quando você ajeita seu bigode”. Quando diz isso, ele está vendo que o Tony existe. Ser tio é maravilhoso, ser amigo é maravilhoso. É uma sensação que não sei descrever. É a única prazerosa. É voltar à infância e viver o hoje como antes, brincar de carrinho, de boneca; é abraçar e chegar e dizer “eu te amo”. É ser retribuído por esse amor.

Escrevo sobre minha infância e sobre a de meus sobrinhos pela distância que separa nossas experiências. No entanto, ao mesmo tempo em que ocupamos lugares completamente diferentes, olhar para eles me faz pensar no meu eu de criança. Quero proporcionar a eles uma infância diferente da minha, com afeto, com cuidado, e também dar a eles tudo o que aprendi nesse tempo.

